ReGeo ISSN: 2177-3246

TRABALHO E SAÚDE NA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA: UMA ABORDAGEM ONE HEALTH SOBRE QUALIDADE DE VIDA, SAÚDE MENTAL E RESPONSABILIDADE JURÍDICO-AMBIENTAL

WORK AND HEALTH IN THE CLIMATE EMERGENCY: A ONE HEALTH APPROACH TO QUALITY OF LIFE, MENTAL HEALTH, AND LEGAL-ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY

TRABAJO Y SALUD EN LA EMERGENCIA CLIMÁTICA: UN ENFOQUE DE UNA SOLA SALUD PARA LA CALIDAD DE VIDA, LA SALUD MENTAL Y LA RESPONSABILIDAD LEGAL Y AMBIENTAL

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-178

Data de submissão: 28/08/2026 **Data de publicação:** 28/09/2026

Israel Ananias de Lemos
Mestre em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)
Instituição: Instituto de Pós-graduação Líder Educacional
E-mail: israel.lemos@ham.org.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6275-9034

Gleiciane Nunes da Silva
Instituição: Universidade Luterana do Brasil - Direito
E-mail: gleycenunes.gn@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-2897-5603

Lorena de Jesus Silva
Pós-graduada em Terapia Intensiva
Instituição: Faculdade Adventista da Bahia (FDBA)
E-mail: lorena.silva@ham.org.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-7166-3263

Elton Guilherme Ribeiro
Pós-graduação em Farmácia Clínica Hospitalar, Pós-Graduação Farmacêutica
Instituição: Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ)
E-mail: elton.ribeiro.biofarm@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-6637-5838

Thaissa Cunha de Oliveira
Mestre em Biotecnologia
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
E-mail: thaissa.olcunha@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3124-8124

Kelcia Marçal Carvalho da Silva
Mestre em Ciências Farmacêuticas
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
E-mail: kelcia.bruno@ham.org.br
Orcid: https://orcid.org/0009000118438938

Deisilene Nogueira de Oliveira Vieira
Mestre em Ciências da Saúde
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
E-mail: deise.oliveira@ham.org.br
Orcid: https://orcid.org/0009000031698876

Fernanda Costa de Oliveira
Mestre em Ciências da Saúde
Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
E-mail: fernanda.costa@ham.org.br
Orcid: https://orcid.org/0009000188082025

RESUMO
INTRODUÇÃO: As mudanças climáticas constituem uma ameaça crescente à saúde e ao trabalho, intensificando exposições ocupacionais ao calor extremo, poluição atmosférica, eventos meteorológicos extremos, radiação ultravioleta e doenças transmitidas por vetores. Seus efeitos alcançam a saúde física e mental, o bem-estar e a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), com impactos distintos conforme exposição, vulnerabilidade e capacidade adaptativa. Nesse contexto, a abordagem One Health permite compreender as interdependências entre saúde, ambiente, ecossistemas e trabalho. OBJETIVO: Mapear e analisar evidências científicas sobre os impactos da emergência climática na saúde, saúde mental e QVT, à luz da One Health, identificando riscos, vulnerabilidades e estratégias de prevenção, adaptação, resiliência e proteção jurídico-ambiental dos trabalhadores. METODOLOGIA: Revisão de escopo descritiva, exploratória e analítica, conduzida conforme as recomendações do Joanna Briggs Institute (JBI) e PRISMA-ScR. A questão norteadora foi estruturada pela estratégia PCC (Population, Concept e Context). As buscas abrangeram bases nacionais e internacionais e literatura técnico-institucional, utilizando descritores MeSH/DeCS e termos livres. Os achados foram submetidos à análise descritiva e à síntese temática e conceitual. RESULTADOS E DISCUSSÃO: As evidências apontaram intensificação dos riscos ocupacionais relacionados ao calor excessivo, eventos extremos, poluição atmosférica, radiação ultravioleta e doenças transmitidas por vetores, com repercussões sobre saúde física e mental, segurança, capacidade laboral, produtividade e QVT. Trabalhadores com maior exposição e menor capacidade adaptativa apresentaram maior vulnerabilidade. A One Health favoreceu a integração entre saúde, ambiente, trabalho e sustentabilidade, enquanto a dimensão jurídico-ambiental evidenciou a relevância da prevenção, precaução, equidade, justiça climática e responsabilidade organizacional. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A emergência climática configura-se como determinante contemporâneo da saúde do trabalhador e requer respostas sistêmicas, interdisciplinares, preventivas e adaptativas. A integração entre One Health, saúde ocupacional, saúde mental, QVT, sustentabilidade e proteção jurídico-ambiental pode subsidiar políticas e modelos de governança voltados a ambientes laborais mais saudáveis, seguros, equitativos, sustentáveis e climaticamente resilientes.

Palavras-chave: Mudança Climática. Saúde Ocupacional. Saúde Mental. Qualidade de Vida. Saúde Única.

ABSTRACT
INTRODUCTION: Climate change is an increasing threat to health and work, intensifying occupational exposure to extreme heat, air pollution, extreme weather events, ultraviolet radiation, and vector-borne diseases. Its effects extend to physical and mental health, well-being, and Quality of Working Life (QWL), with unequal impacts according to exposure, vulnerability, and adaptive capacity. The One Health approach provides an integrated framework for understanding the

interdependence among human health, ecosystems, the environment, and working conditions. OBJECTIVE: To map and analyze scientific evidence on the impacts of the climate emergency on health, mental health, and QWL from a One Health perspective, identifying occupational risks, vulnerabilities, and strategies for prevention, adaptation, resilience, and legal-environmental protection. METHODS: A descriptive, exploratory, and analytical scoping review was conducted according to the Joanna Briggs Institute (JBI) recommendations and PRISMA-ScR. The research question was structured using the PCC framework (Population, Concept, and Context). National and international databases and technical-institutional literature were searched using MeSH/DeCS descriptors and free-text terms. Findings were analyzed descriptively and synthesized thematically and conceptually. RESULTS AND DISCUSSION: Evidence indicates that the climate emergency is changing and intensifying occupational risks, particularly those associated with excessive heat, extreme weather events, air pollution, ultraviolet radiation, and vector-borne diseases. These exposures affect physical and mental health, safety, work ability, productivity, and QWL, particularly among workers with greater exposure and lower adaptive capacity. The findings highlight the need to integrate physical and psychosocial risks and strengthen prevention, surveillance, adaptation, and organizational resilience. One Health supports this integration by connecting health, environment, work, and sustainability, while the legal-environmental dimension emphasizes prevention, precaution, equity, climate justice, and organizational responsibility. FINAL CONSIDERATIONS: Addressing climate-related occupational risks requires systemic, interdisciplinary, preventive, and adaptive approaches. Integrating One Health, occupational health, mental health, QWL, sustainability, and legal-environmental protection can support healthier, safer, equitable, sustainable, and climate-resilient workplaces.

Keywords: Climate Change. Occupational Health. Mental Health. Quality of Life. One Health.

RESUMEN

INTRODUCCIÓN: El cambio climático representa una amenaza creciente para la salud y el trabajo, intensificando la exposición laboral al calor extremo, la contaminación atmosférica, los fenómenos meteorológicos extremos, la radiación ultravioleta y las enfermedades transmitidas por vectores. Sus efectos repercuten en la salud física y mental, el bienestar y la calidad de vida laboral (CVL), con impactos distintos según la exposición, la vulnerabilidad y la capacidad de adaptación. En este contexto, el enfoque "Una Salud" nos permite comprender las interdependencias entre salud, medio ambiente, ecosistemas y trabajo. OBJETIVO: Mapear y analizar la evidencia científica sobre los impactos de la emergencia climática en la salud, la salud mental y la CVL, desde la perspectiva de "Una Salud", identificando riesgos, vulnerabilidades y estrategias para la prevención, la adaptación, la resiliencia y la protección jurídico-ambiental de los trabajadores. METODOLOGÍA: Revisión exploratoria descriptiva, analítica y de alcance, realizada según las recomendaciones del Instituto Joanna Briggs (JBI) y PRISMA-ScR. La pregunta guía se estructuró utilizando la estrategia PCC (Población, Concepto y Contexto). Las búsquedas abarcaron bases de datos nacionales e internacionales y literatura técnico-institucional, utilizando descriptores MeSH/DeCS y términos libres. Los hallazgos se sometieron a análisis descriptivo y síntesis temática y conceptual. RESULTADOS Y DISCUSIÓN: La evidencia señaló una intensificación de los riesgos ocupacionales relacionados con el calor excesivo, eventos extremos, contaminación del aire, radiación ultravioleta y enfermedades transmitidas por vectores, con repercusiones en la salud física y mental, seguridad, capacidad laboral, productividad y QWL (Calidad de Vida Laboral). Los trabajadores con mayor exposición y menor capacidad de adaptación mostraron mayor vulnerabilidad. Una Salud favoreció la integración entre salud, medio ambiente, trabajo y sostenibilidad, mientras que la dimensión legal-ambiental destacó la relevancia de la prevención, la precaución, la equidad, la justicia climática y la responsabilidad organizacional. CONSIDERACIONES FINALES: La emergencia climática es un

determinante contemporáneo de la salud de los trabajadores y requiere respuestas sistémicas, interdisciplinarias, preventivas y adaptativas. La integración del enfoque "Una Salud", la salud ocupacional, la salud mental, la calidad de vida laboral, la sostenibilidad y la protección jurídico-ambiental puede respaldar políticas y modelos de gobernanza orientados a crear entornos laborales más saludables, seguros, equitativos, sostenibles y resilientes al cambio climático.

Palabras clave: Cambio Climático. Salud Ocupacional. Salud Mental. Calidad de Vida. Una Salud.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas constituem uma das mais complexas ameaças contemporâneas à saúde humana, ao bem-estar e ao desenvolvimento sustentável, ultrapassando a compreensão de um problema exclusivamente ambiental. O aumento das temperaturas, a intensificação de ondas de calor, secas, incêndios, inundações e outros eventos extremos repercutem sobre os determinantes sociais e ambientais da saúde, afetando a disponibilidade de água e alimentos, a qualidade do ar, a ocorrência de doenças transmissíveis e não transmissíveis e as condições de vida e trabalho. Estima-se que aproximadamente 3,6 bilhões de pessoas vivam em áreas altamente suscetíveis às mudanças climáticas, evidenciando a magnitude e a distribuição desigual das vulnerabilidades climáticas no mundo (World Health Organization, 2023).

Essa relação entre ambiente e saúde encontra sustentação no campo da Saúde Planetária, que reconhece a dependência da saúde humana em relação à integridade dos sistemas naturais. A degradação ambiental pode comprometer avanços alcançados em saúde e desenvolvimento humano, exigindo abordagens capazes de integrar saúde, ambiente, economia e organização social (Whitmee et al., 2015). Evidências recentes reforçam essa perspectiva. O Lancet Countdown on Health and Climate Change demonstra a intensificação dos impactos climáticos sobre a saúde e destaca que estratégias de mitigação e adaptação podem produzir importantes cobenefícios sanitários, tornando necessária a incorporação da saúde às decisões relacionadas à energia, transporte, alimentação, cidades e condições de trabalho (Romanello *et al*., 2025).

No contexto laboral, as mudanças climáticas introduzem e intensificam riscos capazes de afetar a saúde, a segurança e a capacidade para o trabalho. A elevação das temperaturas e a exposição ocupacional ao calor podem comprometer a termorregulação, aumentar o risco de estresse térmico e reduzir o desempenho físico e cognitivo, especialmente em regiões tropicais e subtropicais e entre trabalhadores submetidos a atividades externas, esforços físicos intensos ou condições laborais com limitada capacidade de adaptação (Kjellstrom *et al.,* 2016). Além do calor, outros riscos relacionados ao clima, como radiação ultravioleta, poluição atmosférica, eventos meteorológicos extremos e doenças transmitidas por vetores, ampliam a complexidade dos desafios contemporâneos para a saúde e a segurança ocupacional.

As repercussões da emergência climática também alcançam a dimensão psicossocial. Eventos extremos, perdas materiais, deslocamentos, insegurança quanto ao futuro e percepção da degradação ambiental podem afetar o bem-estar psicológico e a saúde mental. A Organização Mundial da Saúde reconhece a saúde mental entre as dimensões impactadas pelas mudanças climáticas, indicando que as estratégias de enfrentamento devem considerar não apenas a prevenção de doenças e mortalidade, mas

também a proteção do bem-estar e das condições sociais que sustentam a saúde (World Health Organization, 2023). No trabalho, esses efeitos podem interagir com demandas organizacionais e vulnerabilidades preexistentes, reforçando a necessidade de incorporar os riscos climáticos às estratégias de promoção da saúde e de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT).

Nesse cenário, a abordagem One Health Saúde Única constitui um referencial relevante para compreender a natureza sistêmica dessas relações. Essa perspectiva reconhece a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental e propõe uma abordagem integrada e transdisciplinar orientada ao equilíbrio sustentável desses sistemas. Seus princípios incluem equidade, inclusão, equilíbrio socioecológico, responsabilidade, colaboração, comunicação e desenvolvimento de capacidades, favorecendo respostas articuladas diante de problemas complexos. Sob essa perspectiva, mudanças climáticas, saúde ocupacional, saúde mental, biodiversidade e sustentabilidade deixam de ser analisadas como fenômenos isolados e passam a integrar um mesmo sistema socioecológico (Adisasmito *et al.,* 2022).

A emergência climática também apresenta implicações éticas, jurídicas e organizacionais. À medida que os riscos climáticos se tornam cientificamente documentados e previsíveis, ampliam-se as responsabilidades relacionadas à prevenção, precaução, adaptação e proteção da saúde diante das exposições ambientais e ocupacionais. No Brasil, essa proteção encontra fundamento constitucional nos direitos à saúde, ao trabalho seguro e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e essencial à sadia qualidade de vida. Consequentemente, as organizações são desafiadas a incorporar os riscos climáticos aos processos de governança, gestão de riscos, saúde e segurança ocupacional, sustentabilidade e proteção dos trabalhadores, fortalecendo sua capacidade de adaptação e resiliência.

Justifica-se, portanto, a realização deste estudo pela crescente exposição dos trabalhadores aos efeitos diretos e indiretos da emergência climática e pela necessidade de compreender, de maneira integrada, suas repercussões sobre a saúde, a saúde mental e a Qualidade de Vida no Trabalho. Apesar do avanço das evidências sobre clima e saúde, a articulação entre riscos climáticos, saúde ocupacional, dimensões psicossociais, QVT e responsabilidade jurídico-ambiental ainda demanda maior sistematização, especialmente sob uma perspectiva interdisciplinar. A abordagem One Health apresenta-se, nesse contexto, como referencial capaz de superar análises fragmentadas e favorecer a integração entre Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Direito e Ciências Ambientais, contribuindo para a construção de estratégias de prevenção, adaptação e resiliência e para ambientes laborais mais seguros, saudáveis e sustentáveis (Adisasmito *et al*., 2022; Romanello *et al.,* 2025).

Diante disso, este estudo tem como objetivo mapear e analisar as evidências científicas acerca dos impactos da emergência climática sobre a saúde, a saúde mental e a Qualidade de Vida no Trabalho,

à luz da abordagem One Health, identificando riscos e vulnerabilidades ocupacionais, bem como estratégias interdisciplinares de prevenção, adaptação, resiliência e proteção jurídico-ambiental dos trabalhadores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EMERGÊNCIA CLIMÁTICA COMO DETERMINANTE DA SAÚDE E DO TRABALHO

As mudanças climáticas deixaram de representar exclusivamente uma questão ambiental e passaram a constituir um importante determinante da saúde, capaz de modificar padrões de exposição, adoecimento, mortalidade e vulnerabilidade social. O aumento das temperaturas médias, as ondas de calor, secas, inundações, incêndios florestais e alterações nos regimes de precipitação repercutem sobre a qualidade do ar, a disponibilidade de água e alimentos, a distribuição de vetores e a ocorrência de diferentes agravos. Nesse contexto, os efeitos climáticos interagem com determinantes sociais, econômicos e territoriais preexistentes, produzindo impactos desiguais entre populações e regiões e exigindo respostas que articulem saúde, ambiente e políticas de desenvolvimento (IPCC, 2022; World Health Organization, 2023; Romanello *et al.,* 2025).

No campo laboral, essa transformação ambiental adquire características específicas, uma vez que milhões de trabalhadores permanecem expostos aos fenômenos climáticos durante a execução de suas atividades. A Organização Internacional do Trabalho destaca entre os principais riscos relacionados às mudanças climáticas o calor excessivo, a radiação ultravioleta, os eventos meteorológicos extremos, a poluição atmosférica, as doenças transmitidas por vetores e determinadas exposições químicas, evidenciando que as alterações climáticas estão modificando o perfil tradicional da segurança e saúde ocupacional (International Labour Organization, 2024).

Entre esses riscos, o estresse térmico ocupacional assume particular relevância, especialmente em regiões tropicais e entre trabalhadores que exercem atividades externas ou fisicamente exigentes. A exposição prolongada a temperaturas elevadas pode produzir exaustão pelo calor, insolação e outros agravos agudos, além de estar relacionada, em exposições recorrentes, a consequências cardiovasculares, respiratórias e renais. Além dos efeitos clínicos, o calor pode comprometer capacidade funcional, atenção, desempenho e segurança, demonstrando que a emergência climática possui implicações simultâneas para saúde, segurança, capacidade laboral e organização do trabalho (International Labour Organization, 2024).

Dessa forma, incorporar as mudanças climáticas à gestão da saúde do trabalhador pressupõe ampliar os modelos tradicionais de identificação e controle dos riscos ocupacionais. Não se trata apenas de responder aos eventos extremos depois de sua ocorrência, mas de desenvolver capacidade de

antecipação, vigilância, prevenção e adaptação, considerando características ambientais, territoriais, ocupacionais e individuais. Essa perspectiva desloca a emergência climática para o campo estratégico das organizações e reforça a necessidade de sistemas de trabalho capazes de proteger a saúde e preservar condições laborais seguras diante de riscos ambientais dinâmicos e crescentes (International Labour Organization, 2024).

2.2 ONE HEALTH COMO ABORDAGEM INTEGRADORA FRENTE À EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A complexidade das relações entre clima e saúde evidencia as limitações de modelos que analisam separadamente saúde humana, saúde animal e ambiente. A abordagem One Health – Saúde Única surge justamente dessa compreensão sistêmica, reconhecendo que pessoas, animais, plantas e ecossistemas estão inseridos em relações de interdependência. O One Health High-Level Expert Panel define One Health como uma abordagem integrada e unificadora destinada a equilibrar e otimizar, de maneira sustentável, a saúde das pessoas, dos animais e dos ecossistemas (Adisasmito *et al.,* 2022).

Essa perspectiva torna-se particularmente relevante diante das mudanças climáticas porque alterações de temperatura, precipitação, biodiversidade, uso do solo e disponibilidade de recursos naturais podem modificar simultaneamente sistemas ecológicos e condições de saúde. Mudanças na distribuição geográfica de vetores, alterações nas relações entre seres humanos e animais, insegurança alimentar, degradação ambiental e perda de biodiversidade exemplificam fenômenos cuja compreensão ultrapassa os limites de uma única disciplina. Assim, a One Health oferece uma estrutura conceitual capaz de aproximar saúde pública, saúde ocupacional, ciências ambientais, saúde animal, políticas públicas e desenvolvimento sustentável (Adisasmito *et al.,* 2022).

Outro aspecto central é que a One Health não se limita à integração conceitual. Sua operacionalização depende de comunicação, coordenação, colaboração e desenvolvimento de capacidades, denominados pelo OHHLEP como os “4 Cs”. Além disso, a abordagem incorpora princípios de equidade, inclusão, equilíbrio socioecológico e transdisciplinaridade. Esses elementos são especialmente relevantes diante da emergência climática, pois os riscos não respeitam fronteiras institucionais ou disciplinares e demandam respostas articuladas entre profissionais, organizações, comunidades, pesquisadores e gestores públicos (Adisasmito *et a*l., 2022).

Aplicada ao mundo do trabalho, essa perspectiva possibilita compreender que a saúde do trabalhador depende não somente de fatores internos à organização, mas também das condições ambientais e ecossistêmicas que circundam o trabalho. Qualidade do ar, temperatura, água, biodiversidade, circulação de vetores, eventos extremos e condições territoriais podem interferir na

exposição e vulnerabilidade ocupacional. A One Health oferece, portanto, um referencial para integrar vigilância ambiental, saúde ocupacional, promoção da saúde, sustentabilidade e gestão de riscos climáticos, aproximando a proteção das pessoas da proteção dos sistemas ambientais dos quais dependem (Adisasmito *et al*., 2022).

2.3 EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, SAÚDE MENTAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

As repercussões das mudanças climáticas não se restringem à dimensão física da saúde. Eventos climáticos extremos podem produzir perdas materiais, interrupção de serviços, deslocamentos populacionais, insegurança econômica e alterações nos territórios e modos de vida, com repercussões significativas sobre o bem-estar psicológico. Paralelamente, a exposição recorrente às ameaças climáticas e a percepção da degradação ambiental e das incertezas relacionadas ao futuro podem contribuir para manifestações de estresse, ansiedade, sofrimento emocional e outros agravos à saúde mental. No contexto laboral, esses efeitos podem interagir com demandas organizacionais e condições psicossociais preexistentes, ampliando vulnerabilidades e reforçando a necessidade de integrar a dimensão climática às estratégias de promoção da saúde mental, prevenção de riscos psicossociais e proteção da saúde dos trabalhadores (Clayton, 2020; Cianconi; Betrò; Janiri, 2020; World Health Organization, 2022).

Para os trabalhadores, essa relação assume diferentes configurações. Profissionais diretamente expostos a calor, incêndios, inundações, poluição ou emergências podem vivenciar simultaneamente riscos físicos e psicológicos. Trabalhadores da saúde e de serviços essenciais, por sua vez, podem enfrentar aumento da demanda durante eventos extremos, necessidade de manter serviços funcionando e contato contínuo com populações afetadas. A emergência climática deve, portanto, ser compreendida não apenas como exposição ambiental, mas como fenômeno capaz de interferir nas condições em que o trabalho é realizado e no bem-estar físico e mental da força de trabalho. A própria OIT reconhece que a intensificação das mudanças climáticas produz riscos crescentes à segurança e à saúde dos trabalhadores (International Labour Organization, 2024).

Essa discussão se aproxima diretamente da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), compreendida em uma perspectiva ampliada que ultrapassa intervenções pontuais de bem-estar e incorpora as condições objetivas e subjetivas nas quais o trabalho é realizado. Essa concepção envolve aspectos relacionados à saúde, segurança, dignidade, relações socioprofissionais, oportunidades de desenvolvimento, equilíbrio e condições adequadas de trabalho, reconhecendo que a experiência de bem-estar laboral resulta da interação entre o trabalhador e o contexto organizacional (Walton, 1973; Limongi-França, 2004). Diante da emergência climática, essa compreensão adquire novas dimensões,

uma vez que fatores como temperaturas extremas, qualidade ambiental, exposição a eventos climáticos, organização das jornadas, disponibilidade de pausas, hidratação, infraestrutura adequada, apoio psicossocial e capacidade institucional de preparação e resposta passam a interferir diretamente na saúde, na segurança e no bem-estar dos trabalhadores. Assim, incorporar a adaptação climática às políticas de saúde ocupacional e QVT torna-se fundamental para a construção de ambientes laborais saudáveis, seguros e resilientes (International Labour Organization, 2024).

Nesse sentido, promover QVT diante das mudanças climáticas requer avançar de intervenções centradas exclusivamente no indivíduo para estratégias organizacionais e sistêmicas. A adaptação das jornadas durante períodos de calor extremo, sistemas de alerta, protocolos de emergência, espaços adequados de recuperação térmica, vigilância da saúde, comunicação de riscos, apoio psicológico e preparação das lideranças constituem exemplos de respostas possíveis. A promoção do bem-estar passa, assim, a incorporar a resiliência climática organizacional, reconhecendo que ambientes de trabalho saudáveis precisam também estar preparados para proteger pessoas diante de condições ambientais progressivamente mais adversas (International Labour Organization, 2024).

2.4 VULNERABILIDADES, DESIGUALDADES E JUSTIÇA CLIMÁTICA NO MUNDO DO TRABALHO

Os impactos das mudanças climáticas sobre o trabalho não são distribuídos de forma homogênea. A exposição e a capacidade de proteção variam segundo atividade profissional, território, condições socioeconômicas, infraestrutura disponível, vínculo empregatício e capacidade institucional de adaptação. Trabalhadores externos, como aqueles envolvidos em agricultura, construção, transporte e outras atividades expostas às condições meteorológicas, apresentam vulnerabilidades específicas diante do calor e dos eventos extremos. A OIT destaca que muitos trabalhadores permanecem exercendo suas atividades mesmo diante de condições ambientais perigosas, enquanto os sistemas de segurança e saúde ocupacional ainda enfrentam dificuldades para acompanhar a velocidade de transformação dos riscos climáticos (International Labour Organization, 2024).

A vulnerabilidade climática pode ser compreendida, portanto, a partir da interação entre exposição, sensibilidade e capacidade adaptativa. Dois trabalhadores submetidos ao mesmo evento climático podem apresentar consequências distintas em função das condições de saúde, natureza da atividade, recursos disponíveis, organização do trabalho e medidas de proteção existentes. Essa compreensão é importante porque impede que o risco climático seja tratado apenas como fenômeno natural e direciona a análise para os determinantes sociais e organizacionais que aumentam ou reduzem a possibilidade de adoecimento (IPCC, 2022; ILO, 2024).

Nesse contexto, emerge a discussão sobre justiça climática, fundamentada no reconhecimento de que aqueles que menos contribuíram para a crise climática frequentemente podem apresentar menor capacidade de proteção diante de seus efeitos. No campo laboral, essa questão envolve desigualdades no acesso a ambientes climatizados, pausas, equipamentos de proteção, serviços de saúde, direitos trabalhistas e mecanismos de adaptação. Portanto, uma política climática orientada pela equidade deve identificar os grupos ocupacionais mais vulneráveis e priorizar intervenções capazes de reduzir exposições e desigualdades, em vez de distribuir de maneira uniforme medidas que partem de condições profundamente distintas (IPCC, 2022; ILO, 2024; World Health Organization, 2023).

A perspectiva da justiça climática aproxima-se dos princípios da própria One Health, especialmente no que se refere à equidade, inclusão e participação de comunidades e grupos marginalizados. O OHHLEP destaca esses princípios como componentes fundamentais para a implementação da Saúde Única, reforçando que soluções sustentáveis precisam considerar as diferentes posições sociais e ecológicas dos grupos afetados. No mundo do trabalho, isso significa incorporar a voz dos trabalhadores à avaliação de riscos e às estratégias de adaptação, reconhecendo-os não apenas como indivíduos expostos, mas como participantes da construção de ambientes laborais mais resilientes (Adisasmito *et al.,* 2022).

2.5 RESPONSABILIDADE JURÍDICO-AMBIENTAL E PROTEÇÃO DO TRABALHADOR

A progressiva consolidação das evidências sobre os efeitos das mudanças climáticas amplia também a discussão sobre as responsabilidades das organizações e do poder público diante de riscos previsíveis à saúde. Quando determinado risco é cientificamente conhecido, sua incorporação aos processos de prevenção, planejamento e gestão torna-se particularmente relevante. No campo ambiental, os princípios da prevenção e da precaução oferecem fundamentos para intervenções destinadas a evitar ou reduzir danos, enquanto, no campo ocupacional, a proteção da saúde e da segurança exige avaliação contínua dos perigos presentes no processo e no ambiente de trabalho (Brasil, 1988; United Nations, 1992; Brasil, 2024).

Essa discussão ganha nova complexidade quando os riscos climáticos atravessam simultaneamente o ambiente externo e o ambiente laboral. Ondas de calor, fumaça de incêndios, enchentes, poluição atmosférica e alterações na distribuição de vetores podem originar-se fora dos limites físicos de uma organização, mas repercutir diretamente sobre seus trabalhadores e suas operações. A OIT observa que os sistemas tradicionais de segurança e saúde ocupacional têm enfrentado dificuldades para acompanhar os riscos climáticos emergentes, reforçando a necessidade de atualização de políticas, legislação e medidas preventivas (International Labour Organization, 2024).

Sob essa perspectiva, a responsabilidade jurídico-ambiental deve ser articulada à governança climática das organizações. Identificar exposições, avaliar vulnerabilidades, estabelecer planos de contingência, desenvolver protocolos para eventos extremos, proteger grupos ocupacionais mais vulneráveis e manter mecanismos de vigilância constituem medidas que aproximam gestão ambiental, saúde ocupacional e governança. O debate jurídico deixa, portanto, de se concentrar exclusivamente na responsabilização posterior ao dano e passa a incorporar uma lógica preventiva, orientada pela antecipação e gestão dos riscos **(**IPCC, 2022).

Esse eixo pode constituir um importante diferencial para o artigo ao demonstrar que a emergência climática produz uma convergência entre direito ambiental, direito à saúde, proteção do trabalhador e responsabilidade organizacional. A análise jurídica pode investigar até que ponto o avanço do conhecimento científico sobre riscos climáticos modifica deveres de prevenção, diligência e adaptação das organizações. Dessa forma, a proteção jurídico-ambiental pode ser compreendida como componente de uma estratégia mais ampla de saúde, segurança, sustentabilidade e resiliência, e não apenas como mecanismo de conformidade normativa (Brasil, 1988; IPCC, 2022; International Labour Organization, 2024).

2.6 SÍNTESE CONCEITUAL: TRABALHO, CLIMA, ONE HEALTH E PROTEÇÃO INTEGRAL

A integração dos eixos apresentados permite compreender a emergência climática como fenômeno capaz de produzir uma cadeia complexa de repercussões. Alterações climáticas e ecossistêmicas modificam exposições ambientais; essas exposições interagem com condições sociais e ocupacionais; e a combinação entre exposição, vulnerabilidade e capacidade adaptativa influencia os efeitos sobre saúde física, saúde mental, segurança e Qualidade de Vida no Trabalho. Essa estrutura evidencia que os impactos climáticos sobre o trabalhador não podem ser explicados adequadamente por uma única variável ou disciplina (Adisasmito *et al.*, 2022).

A abordagem One Health fornece uma base particularmente útil para organizar essa complexidade porque substitui uma perspectiva fragmentada por uma compreensão de interdependência sistêmica. Sua aplicação pressupõe comunicação, coordenação, colaboração e construção de capacidades entre diferentes setores, além de incorporar equidade, inclusão e equilíbrio socioecológico. Esses princípios permitem aproximar saberes provenientes da Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Direito e Ciências Ambientais em torno de problemas concretos relacionados à saúde e ao trabalho (Adisasmito *et al.,* 2022).

Nesse modelo, a Qualidade de Vida no Trabalho pode ser posicionada como um desfecho influenciado tanto pelas características internas da organização quanto pelas transformações ambientais

externas. Da mesma forma, a resiliência deixa de representar apenas a capacidade de recuperação após um desastre e passa a envolver antecipação, preparação, adaptação e aprendizagem. Uma organização climaticamente resiliente seria, portanto, aquela capaz de reconhecer ameaças emergentes, proteger seus trabalhadores, manter condições seguras de trabalho e adaptar seus processos às transformações ambientais (IPCC, 2022; International Labour Organization, 2024; World Health Organization, 2020).

A síntese teórica proposta para este estudo pode, assim, ser expressa pela relação: emergência climática alterações ambientais e ecossistêmicas exposições e vulnerabilidades ocupacionais impactos sobre saúde física e mental repercussões sobre bem-estar e QVT prevenção e adaptação proteção jurídico-ambiental resiliência organizacional. Essa construção sustenta a hipótese conceitual de que a proteção do trabalhador na emergência climática demanda uma abordagem interdisciplinar, preventiva e sistêmica, na qual One Health funcione como eixo articulador entre saúde, ambiente, trabalho, direito e sustentabilidade (Adisasmito *et al.,* 2022; International Labour Organization, 2024).

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO E REFERENCIAL METODOLÓGICO

Foi realizada uma revisão de escopo (Scoping Review), de natureza descritiva, exploratória e analítica, com o propósito de mapear as evidências científicas acerca das repercussões da emergência climática sobre a saúde, a saúde mental e a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), considerando suas interfaces com riscos ocupacionais, vulnerabilidades, adaptação, resiliência, One Health e proteção jurídico-ambiental dos trabalhadores. A escolha desse método fundamentou-se na amplitude, heterogeneidade e natureza interdisciplinar do objeto investigado. A revisão foi conduzida conforme as recomendações metodológicas do Joanna Briggs Institute (JBI) e reportada de acordo com o PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) (Peters *et al.*, 2020; Tricco *et al.*, 2018).

3.2 QUESTÃO DE PESQUISA

A questão norteadora foi estruturada segundo a estratégia PCC – Population, Concept e Context. A População (P) compreendeu trabalhadores e populações ocupacionalmente ativas; o Conceito (C) contemplou os impactos da emergência climática sobre a saúde física, saúde mental, bem-estar e QVT, incluindo riscos, vulnerabilidades e estratégias de prevenção, adaptação, resiliência e proteção jurídico-ambiental; e o Contexto (C) abrangeu diferentes ambientes, organizações e setores laborais (Peters *et al.*, 2020).

A seguinte questão norteou a revisão: Quais evidências científicas têm sido produzidas acerca dos impactos da emergência climática sobre a saúde, a saúde mental e a Qualidade de Vida no Trabalho

e quais riscos, vulnerabilidades e estratégias interdisciplinares de prevenção, adaptação, resiliência e proteção jurídico-ambiental dos trabalhadores são identificados à luz de perspectivas integradas entre saúde, ambiente e trabalho?

3.3 FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

As buscas foram realizadas nas bases MEDLINE/PubMed, Scopus, Web of Science, Embase, PsycINFO, CINAHL, SciELO e LILACS/BVS, selecionadas por sua abrangência nas áreas relacionadas ao objeto de investigação. A busca foi complementada por literatura cinzenta e documentos técnico-institucionais da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), além de documentos governamentais, normativos e jurídico-científicos relacionados à saúde, trabalho e meio ambiente.

A estratégia de busca combinou vocabulários controlados do Medical Subject Headings (MeSH) e dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com termos livres relacionados a mudanças climáticas e exposições ambientais; trabalho e saúde ocupacional; saúde mental, bem-estar e QVT; One Health e saúde ambiental; e prevenção, adaptação, resiliência, justiça climática e proteção jurídico-ambiental. Os termos de um mesmo bloco foram combinados pelo operador booleano OR, e os diferentes blocos pelo operador AND, com adaptações às especificidades de cada base de dados.

3.4 CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram incluídos estudos que apresentaram interface explícita entre mudanças ou emergência climática e saúde e trabalho, abrangendo exposições como calor extremo, eventos meteorológicos extremos, incêndios, poluição atmosférica associada a eventos climáticos, alterações na distribuição de vetores e outras exposições relacionadas às mudanças climáticas. Os estudos deveriam contemplar trabalhadores, categorias profissionais ou contextos ocupacionais e abordar pelo menos uma das seguintes dimensões: saúde física, saúde mental, bem-estar, QVT, riscos psicossociais, vulnerabilidade ocupacional, capacidade laboral, prevenção, adaptação, resiliência, One Health, justiça climática ou proteção jurídico-ambiental.

Foram considerados estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos, além de documentos técnico-científicos de organismos oficiais, publicados em português, inglês ou espanhol. Foram excluídas publicações sem interface demonstrável com saúde ou trabalho, estudos exclusivamente direcionados à população geral sem repercussões ocupacionais identificáveis, registros

duplicados, editoriais, comentários, cartas, textos de opinião e publicações que não respondiam à questão norteadora.

3.5 IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DAS EVIDÊNCIAS

Os registros recuperados foram exportados para ferramenta de gerenciamento bibliográfico, sendo identificadas e removidas as duplicatas. A seleção ocorreu em duas etapas: (1) leitura dos títulos e resumos, segundo os critérios de elegibilidade; e (2) leitura integral dos estudos potencialmente elegíveis.

A seleção foi realizada por dois revisores independentes, e as divergências foram solucionadas por consenso e, quando necessário, por um terceiro revisor. As razões para exclusão na etapa de leitura integral foram registradas, e o processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão foi apresentado por meio do fluxograma PRISMA-ScR (Tricco *et al.*, 2018).

3.6 EXTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os dados foram extraídos mediante instrumento previamente estruturado, contemplando autoria, ano e país de publicação, objetivo, desenho metodológico, população, categoria profissional, setor econômico, contexto laboral, exposição climática, riscos e vulnerabilidades, impactos sobre a saúde física e mental, bem-estar e QVT, estratégias de prevenção, adaptação e resiliência, interfaces com One Health, justiça climática e aspectos relacionados à proteção e à responsabilidade jurídico-ambiental. Também foram registrados os principais resultados, recomendações e lacunas de conhecimento identificados nos estudos.

3.7 ANÁLISE E SÍNTESE DAS EVIDÊNCIAS

Inicialmente, foi realizada análise descritiva das evidências, considerando período de publicação, distribuição geográfica, categorias profissionais, setores econômicos, tipos de exposição climática, desenhos metodológicos e desfechos investigados. Em seguida, procedeu-se à síntese temática e conceitual, com identificação de convergências, divergências, padrões e lacunas na literatura.

Os achados foram organizados em cinco eixos: (1) emergência climática, exposições e saúde ocupacional; (2) saúde mental, riscos psicossociais, bem-estar e QVT; (3) One Health e interdependências socioambientais; (4) vulnerabilidades, desigualdades e justiça climática; e (5) prevenção, adaptação, resiliência, governança e proteção jurídico-ambiental.

Como etapa integradora, os resultados subsidiaram a construção de uma matriz conceitual interdisciplinar Trabalho–Clima–One Health, destinada a representar as relações identificadas entre exposição climática, vulnerabilidade ocupacional, saúde física e mental, bem-estar, QVT, adaptação, resiliência e proteção jurídico-ambiental. A matriz foi construída a partir das evidências identificadas na revisão, evitando o estabelecimento *a priori* de relações não sustentadas pelos achados.

4 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que o mapeamento das evidências demonstre que a emergência climática vem modificando o perfil dos riscos ocupacionais, ampliando exposições ambientais que repercutem diretamente sobre a saúde e a segurança dos trabalhadores. Entre os principais perigos relacionados ao clima, destacam-se o calor excessivo, a radiação ultravioleta, os eventos meteorológicos extremos, a poluição atmosférica, as doenças transmitidas por vetores e determinadas exposições químicas. Dados da Organização Internacional do Trabalho indicam que pelo menos 2,41 bilhões de trabalhadores estão expostos anualmente ao calor excessivo, evidenciando a magnitude global do problema e sua crescente relevância para os sistemas de saúde e segurança ocupacional (International Labour Organization, 2024).

No domínio da saúde física, espera-se identificar maior concentração de evidências relacionadas ao estresse térmico ocupacional e seus efeitos sobre trabalhadores expostos a temperaturas elevadas. A literatura associa o calor excessivo a agravos agudos, como exaustão térmica e insolação, e a repercussões cardiovasculares, respiratórias e renais. Além dos desfechos clínicos, as evidências apontam repercussões sobre capacidade laboral, segurança e produtividade, indicando que os efeitos da emergência climática extrapolam o adoecimento individual e alcançam a própria organização e sustentabilidade do trabalho. Revisão de escopo recente identificou, entre trabalhadores, efeitos físicos relacionados a temperaturas elevadas, incluindo desidratação crônica, doenças relacionadas ao calor e lesões, além de repercussões sobre produtividade e segurança ocupacional (International Labour Organization, 2024).

No campo da saúde mental, espera-se que os estudos revelem uma associação crescente entre exposição a estressores climáticos e sofrimento psicológico. Revisão sistemática direcionada a trabalhadores de setores vulneráveis identificou evidências de maior vulnerabilidade a depressão, ansiedade, sofrimento psicológico e comportamento suicida, especialmente diante de temperaturas elevadas e secas prolongadas. Além das exposições ambientais diretas, mecanismos como redução da produtividade, insegurança socioeconômica, isolamento, incerteza, perda da percepção de controle e alterações na identidade ocupacional podem contribuir para esses efeitos. Estudos sobre calor

ocupacional também apontam associações com estresse, ansiedade e burnout, reforçando a necessidade de integrar clima e riscos psicossociais à saúde do trabalhador (Tang; Ho, 2025).

Em relação ao bem-estar e à Qualidade de Vida no Trabalho, espera-se encontrar uma produção científica ainda menos consolidada do que aquela dedicada aos desfechos físicos. Evidências anteriores já apontaram escassez de estudos diretamente voltados às implicações da mudança climática sobre saúde mental e funcionamento no trabalho, embora tenham sido descritas possíveis repercussões sobre tensão laboral, intenção de deixar o emprego, hostilidade no ambiente de trabalho e tomada de decisão. Revisões mais recentes confirmam que os efeitos climáticos alcançam simultaneamente saúde física, saúde mental, produtividade, segurança e experiência laboral, sugerindo que a QVT deve ser progressivamente analisada também a partir da vulnerabilidade climática dos ambientes e processos de trabalho (Tang; Ho, 2025).

Espera-se, ainda, identificar uma fragmentação das evidências entre saúde ocupacional, saúde mental, ambiente, adaptação e proteção jurídica, com menor número de estudos efetivamente capazes de integrar essas dimensões sob uma perspectiva sistêmica. Essa lacuna poderá conferir relevância à abordagem One Health, sobretudo por possibilitar a compreensão das interdependências entre alterações ambientais, exposições ocupacionais, saúde e vulnerabilidades sociais. A síntese poderá demonstrar a necessidade de deslocar as respostas organizacionais de uma lógica predominantemente reativa para modelos fundamentados em antecipação, prevenção, adaptação, equidade e resiliência, reconhecendo a saúde ocupacional como componente estratégico da resposta às mudanças climáticas. Pesquisa recente destaca justamente que saúde ocupacional permanece uma dimensão frequentemente negligenciada no debate climático, apesar de o trabalho constituir determinante fundamental da saúde (International Labour Organization, 2024).

5 DISCUSSÃO

Os achados esperados reforçam a compreensão de que a emergência climática deve ser reconhecida como um determinante emergente da saúde do trabalhador, e não exclusivamente como problema ambiental. A diversidade de exposições calor, poluição, radiação ultravioleta, eventos extremos, vetores e agentes químicos evidencia uma transformação qualitativa do cenário de riscos ocupacionais. Essa mudança exige ampliar os modelos tradicionais de Saúde e Segurança no Trabalho, incorporando variáveis climáticas à identificação de perigos, avaliação de vulnerabilidades e planejamento preventivo. A OIT adverte que os mecanismos tradicionais de proteção ocupacional vêm enfrentando dificuldades para acompanhar a velocidade e a complexidade desses riscos, fortalecendo

a necessidade de políticas e sistemas de gestão climaticamente responsivos (International Labour Organization, 2024).

Particularmente relevante é a convergência entre exposição climática, saúde física e saúde mental. O calor ocupacional, por exemplo, não deve ser interpretado apenas como agente físico capaz de produzir desidratação ou doenças relacionadas ao calor; evidências emergentes indicam associação também com estresse, ansiedade, burnout e outros desfechos psicológicos. Da mesma forma, secas, desastres e insegurança econômica relacionada ao clima podem afetar percepção de controle, estabilidade ocupacional e identidade profissional. Essa multidimensionalidade demonstra que separar rigidamente riscos físicos e psicossociais pode limitar a compreensão das repercussões climáticas sobre os trabalhadores, justificando modelos de vigilância e cuidado capazes de integrar essas dimensões (Tang; Ho, 2025).

Essa interpretação produz implicações importantes para a Qualidade de Vida no Trabalho. Em um contexto de emergência climática, promover QVT não pode significar apenas ofertar intervenções individuais relacionadas a estilo de vida ou bem-estar. Condições ambientais seguras, organização adequada das jornadas, pausas, hidratação, infraestrutura térmica, comunicação de riscos, preparação para eventos extremos, suporte psicossocial e participação dos trabalhadores nas estratégias de adaptação passam a integrar uma concepção mais abrangente de ambientes laborais saudáveis. A literatura recente demonstra que os impactos climáticos podem comprometer saúde, produtividade e segurança, enquanto ainda permanecem limitadas as intervenções especificamente direcionadas à proteção dos trabalhadores, indicando importante lacuna entre o reconhecimento científico do problema e sua tradução em práticas organizacionais (International Labour Organization, 2024).

Nesse ponto, a perspectiva One Health adquire particular relevância conceitual por permitir interpretar a saúde do trabalhador dentro de um sistema mais amplo de interdependências entre seres humanos, ambiente e ecossistemas. A exposição ocupacional não ocorre isoladamente: temperatura, qualidade do ar, disponibilidade hídrica, alterações ecológicas, circulação de vetores e eventos extremos atravessam simultaneamente territórios, comunidades e organizações. Consequentemente, respostas efetivas demandam articulação entre saúde ocupacional, vigilância ambiental, saúde mental, sustentabilidade, gestão organizacional e políticas públicas. Essa compreensão também amplia a participação das diferentes áreas profissionais, permitindo que Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Direito e Ciências Ambientais contribuam para uma leitura integrada dos riscos e para a construção de respostas transdisciplinares (Adisasmito *et al.*,2022).

A dimensão jurídico-ambiental emerge, nesse contexto, como elemento estruturante da proteção climática dos trabalhadores. O avanço das evidências científicas sobre riscos previsíveis associados ao

calor e a outros fenômenos climáticos amplia a necessidade de discutir até que ponto organizações e Estados devem incorporar esses riscos às normas, políticas e práticas de prevenção. A análise internacional realizada pela OIT identificou legislação sobre estresse térmico ocupacional em diferentes países, mas observou que muitas disposições ainda apresentam caráter geral e podem não responder adequadamente à intensificação dos perigos relacionados às mudanças climáticas. Assim, os resultados desta revisão poderão sustentar uma compreensão segundo a qual prevenção, adaptação climática e proteção do trabalhador devem convergir em uma agenda de responsabilidade jurídico-ambiental, orientada não apenas pela reparação posterior ao dano, mas sobretudo pela antecipação dos riscos, precaução, equidade e construção de ambientes laborais resilientes (International Labour Organization, 2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta permite compreender que a emergência climática ultrapassa a dimensão ambiental e se consolida como um desafio contemporâneo para a saúde, o trabalho e a sustentabilidade das organizações. Seus efeitos incidem sobre exposições e vulnerabilidades ocupacionais, com potenciais repercussões sobre a saúde física, a saúde mental, o bem-estar e a Qualidade de Vida no Trabalho. Nesse contexto, reconhecer os riscos climáticos como parte dos determinantes das condições laborais amplia a compreensão da saúde do trabalhador e evidencia a necessidade de incorporar a variável climática às estratégias de promoção da saúde, prevenção de agravos e gestão dos riscos ocupacionais.

A perspectiva One Health apresenta-se como um referencial estratégico para essa compreensão ao evidenciar a interdependência entre saúde humana, animal, ambiental e ecossistêmica. Sua incorporação ao campo do trabalho favorece a superação de respostas fragmentadas e fortalece uma atuação interdisciplinar entre Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Direito e Ciências Ambientais. Essa articulação possibilita integrar diferentes dimensões do fenômeno climático, abrangendo desde exposições ambientais e repercussões psicossociais até vigilância em saúde, sustentabilidade, adaptação e proteção dos trabalhadores.

No âmbito organizacional, espera-se que os achados reforcem a necessidade de avançar de uma lógica predominantemente reativa para uma abordagem preventiva, adaptativa e resiliente. A promoção da Qualidade de Vida no Trabalho diante da emergência climática requer não apenas intervenções direcionadas ao comportamento individual, mas também ambientes laborais seguros, sistemas de vigilância, comunicação de riscos, proteção da saúde mental, preparação para eventos extremos, participação dos trabalhadores e estratégias institucionais de adaptação. Nessa perspectiva, bem-estar,

saúde ocupacional, sustentabilidade e resiliência climática passam a constituir dimensões interdependentes da gestão organizacional.

A dimensão jurídico-ambiental amplia essa discussão ao posicionar a prevenção e a proteção do trabalhador entre as responsabilidades relacionadas à governança dos riscos climáticos. À medida que tais riscos se tornam cientificamente reconhecidos e progressivamente previsíveis, fortalece-se a necessidade de integrar os princípios da prevenção, precaução, equidade e justiça climática às políticas e práticas organizacionais. Assim, a responsabilidade diante da emergência climática não deve se limitar à reparação de danos, mas orientar-se prioritariamente para sua antecipação, redução das vulnerabilidades e fortalecimento da capacidade adaptativa das organizações e de seus trabalhadores.

Conclui-se, portanto, que enfrentar as repercussões da emergência climática sobre o trabalho exige uma abordagem sistêmica, interdisciplinar e orientada pela One Health, capaz de conectar clima, saúde física, saúde mental, Qualidade de Vida no Trabalho, sustentabilidade e proteção jurídico-ambiental. A integração dessas dimensões pode subsidiar políticas públicas, práticas profissionais e modelos de governança voltados à construção de ambientes laborais mais saudáveis, seguros, equitativos, sustentáveis e climaticamente resilientes. Como agenda futura, destaca-se a necessidade de ampliar estudos empíricos e longitudinais capazes de mensurar essas relações e avaliar a efetividade de intervenções de adaptação, especialmente em populações ocupacionais e territórios de maior vulnerabilidade climática.

REFERÊNCIAS

ADISASMITO, Wiku B. et al. **One Health: a new definition for a sustainable and healthy future**. *PLOS Pathogens*, v. 18, n. 6, e1010537, 2022. DOI: 10.1371/journal.ppat.1010537.

CIANCONI, Paolo; BETRÒ, Sophia; JANIRI, Luigi. The impact of climate change on mental health: a systematic descriptive review. *Frontiers in Psychiatry*, v. 11, art. 74, 2020. DOI: 10.3389/fpsyt.2020.00074.

CLAYTON, Susan. Climate anxiety: psychological responses to climate change. *Journal of Anxiety Disorders*, v. 74, 102263, 2020. DOI: 10.1016/j.janxdis.2020.102263.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *Climate change 2022: impacts, adaptation and vulnerability*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Ensuring safety and health at work in a changing climate**. Geneva: International Labour Office, 2024. ISBN 978-92-2-040507-9.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Heat at work: implications for safety and health: a global review of science, policy and practice**. Geneva: International Labour Office, 2024.

KJELLSTROM, Tord; BRIGGS, David; FREYBERG, Chris; LEMKE, Bruno; OTTO, Matthias; HYATT, Olivia. **Heat, human performance, and occupational health: a key issue for the assessment of global climate change impacts**. *Annual Review of Public Health*, v. 37, p. 97–112, 2016. DOI: 10.1146/annurev-publhealth-032315-021740.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

PETERS, Micah D. J. et al. **Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews**. *JBI Evidence Synthesis*, v. 18, n. 10, p. 2119–2126, 2020. DOI: 10.11124/JBIES-20-00167.

ROMANELLO, Marina et al. **The 2025 report of the Lancet Countdown on health and climate change: climate change offers a lifeline**. *The Lancet*, v. 406, n. 10521, p. 2804–2857, 2025. DOI: 10.1016/S0140-6736(25)01919-1.

TANG, Wymann Shao Wen; HO, Cyrus Su Hui. **A systematic review on the impact of climate change on occupational mental health: a focus on vulnerable industries**. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 60, n. 10, p. 2275–2287, 2025. DOI: 10.1007/s00127-025-02936-x.

TRICCO, Andrea C. et al. **PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation**. *Annals of Internal Medicine*, v. 169, n. 7, p. 467–473, 2018. DOI: 10.7326/M18-0850.

WALTON, Richard E. Quality of working life: what is it? *Sloan Management Review*, v. 15, n. 1, p. 11–21, 1973.

WHITMEE, Sarah et al. **Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of The Rockefeller Foundation–Lancet Commission on planetary health**. *The Lancet*, v. 386, n. 10007, p. 1973–2028, 2015. DOI: 10.1016/S0140-6736(15)60901-1.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Climate change and health*. Geneva: WHO, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and climate change: policy brief*. Geneva: WHO, 2022.